



## DESCENTRANDO O SUJEITO: IDENTIDADE, GLOBALIZAÇÃO E PÓS-MODERNIDADE

### DECENTERING THE SUBJECT: IDENTITY, GLOBALIZATION AND POST-MODERNITY

**Raony Valdenésio Aduci Odremán Mendes\***

**Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC**

[raonymendesodreman@gmail.com](mailto:raonymendesodreman@gmail.com)

A reflexão de Stuart Hall<sup>1</sup> dispõe de pertinência impar no contexto intelectual contemporâneo, pois representa um progresso na discussão das identidades culturais na pós-modernidade, apontando a fragmentação e o declínio das velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o indivíduo no mundo social. Algumas novas identidades estão surgindo, deixando a identidade do indivíduo moderno fragmentada em várias identificações. Seu trabalho<sup>2</sup> é centrado principalmente nas questões da hegemonia e dos Estudos Culturais a partir de uma posição gramsciana. Concebe os usos da linguagem como orientada por uma estrutura de poderes, instituições e economia

---

\* Mestrando em História do Tempo Presente na Universidade do Estado de Santa Catarina na linha de pesquisa: 'Políticas de memórias e narrativas históricas', integrante do Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais - AYA/FAED/UDESC.

<sup>1</sup> Stuart Hall nasceu em 3 de fevereiro de 1932 em Kingston, Jamaica e faleceu em 10 de fevereiro de 2014 em Londres, Inglaterra. Foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e trabalhou no Reino Unido a partir de 1951. O autor contribuiu com obras fundamentais para os estudos da cultura, dos meios de comunicação e do campo político contemporâneo. Lecionou na Universidade de Birmingham, Inglaterra, e, juntamente com [Richard Hoggart](#) e [Raymond Williams](#), foi um dos fundadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, tendo sido seu diretor de 1970 a 1979. Entre os anos de 1979 e 1997, Stuart Hall foi docente na Open University, Inglaterra.

<sup>2</sup> Obras de Stuart Hall publicadas no Brasil: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003; HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004; HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 24, 1996; HALL, STUART. **A centralidade da cultura**. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 22, v. 2, jul.-dez. 1997.

política. Essa perspectiva apresenta os indivíduos como “produtores” e “consumidores” de cultura, simultaneamente.

No âmbito dos Estudos Culturais, o livro: **A identidade cultural na pós-modernidade**<sup>3</sup>, interpreta a crise dos modelos civilizacionais na pós-modernidade do século XX. Tomando como centrais as mudanças estruturais e culturais que fragmentam e desconstruem as identidades pessoais relacionadas às paisagens culturais hegemônicas, postas desde a modernidade, tais como: classe, raça, etnia, religião, nacionalidade, gênero e sexualidade. Tal fragmentação leva a derrocada da concepção “rígida” do indivíduo social moderno como sujeito integrado. Também aponta para a valorização do descentramento da identidade cultural, colocando em evidência a postura de transitoriedade das identificações humanas no contexto da globalização contemporânea pós-moderna.

O objetivo do livro é problematizar algumas das questões centrais sobre a identidade cultural na modernidade tardia; posteriormente o autor busca avaliar se existe uma crise da identidade humana, em que consiste tal crise e em qual direção se dirige através da formulação de algumas problemáticas. Segundo Hall (2015, p.9), “O livro se volta para questões como: Que pretendemos dizer com “crise de identidade”?; Que acontecimentos recentes nas sociedades modernas precipitaram essa crise?; Que formas ela toma?; Quais são suas consequências potenciais?”. O autor introduz certo enredamento à discussão sobre a temática, averiguando alguns aspectos paradoxais que a concepção de "descentração do sujeito", em sua forma mais simplória, desconsidera.

De acordo com Stuart Hall, “este livro é escrito a partir de uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”.<sup>4</sup> A primeira parte do livro: *A identidade em questão*, trata de três concepções de identidade: a do sujeito iluminista (individualista); a do sujeito sociológico (interacionista); a do sujeito pós-moderno (Da "celebração móvel"). Segundo Stuart Hall,

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o

<sup>3</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

<sup>4</sup> Ibid., p. 9.

sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. Na concepção sociológica clássica sobre a questão, a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. O sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.<sup>5</sup>

Stuart Hall nos faz refletir sobre a questão das mudanças e rupturas na concepção de identidade cultural ao longo da modernidade nos séculos XIX e XX. A realidade histórica contemporânea indica que a condição de permanência, certeza e continuidade do indivíduo são condições que se desmancham no ar, com o aprofundamento da modernidade tardia em tempos pós-modernos.

Na segunda parte do livro, *Nascimento e morte do sujeito moderno*, Hall desenvolve o conceito de descentração do sujeito. O autor trata da “morte” do sujeito da razão cartesiana, indicando algumas obras e autores que contribuíram para este processo na modernidade tardia. Por exemplo, a releitura de Marx nos anos 60 (feitas por Althusser) que apontavam para uma concepção materialista e estruturalista da vida humana na qual a agência do sujeito está pré-disposta às condições históricas e recursos materiais e culturais fornecidas por gerações anteriores; A teoria do inconsciente de Sigmund Freud, que defende que nossas identidades, sexualidade e os desejos são formados com base em processos simbólicos diversos daquela Razão cartesiana; Os estudos da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, que defendia que a língua é um sistema social e não um sistema individual, e desta forma produzimos significados apenas nos posicionando no interior das regras dos sistemas de significado das culturas e contextos pré-estabelecidos; Os estudos de Foucault sobre a produção discursiva dos sujeitos, sobre o poder e os regimes disciplinares modernos. Obras e autores que reformularam as estruturas do sujeito moderno e permitiram instituir, os descentramentos dos sujeitos pós-modernos, pois suas teorias descrevem deslocamentos

---

<sup>5</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, pp. 10-12.

do sujeito através das descontinuidades e da crítica aos discursos do conhecimento e da racionalidade moderna.

Stuart Hall avança no debate, quando aponta para dimensão imaginada da nação na terceira parte do livro: *As culturas nacionais como comunidades imaginadas*, levantando algumas problemáticas centrais como: O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização? Stuart Hall defende que as nações seriam comunidades imaginadas, que são perpetuadas e representadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança. Tal comunidade imaginada é construída através da narrativa da nação, da continuidade da tradição, da invenção das tradições, do mito fundacional e da concepção de um povo e folk puro. Na desconstrução da noção de cultura nacional como identidade unificadora, Hall defende que as culturas nacionais, mascaram as diferenças. “O breve exame solapa a ideia da nação como uma identidade cultural unificada [...] As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas”<sup>6</sup>. Neste sentido as nações modernas são verdadeiros “híbridos culturais”.

Na quarta parte do texto: *Globalização*, Stuart Hall afirma que a globalização enquanto um complexo de processos e forças de mudança está deslocando as identidades culturais nacionais. Stuart Hall destaca nesta parte três movimentos importantes desse processo de globalização que incidem sobre as identidades culturais:

- 1) As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global.
- 2) As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- 3) As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas - estão tomando seu lugar.<sup>7</sup>

Desta forma, existe uma tensão geradora entre os planos geopolíticos locais do estado-nação e universais da globalização. Segundo Stuart Hall,

Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o, “global” e o “local” na transformação das identidades. As identidades

---

<sup>6</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 38.

<sup>7</sup> Ibid., p. 40.

nacionais, como vimos, representaram vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma *particularista* de vínculo ou pertencimento. Sempre houve uma tensão entre essas identificações e as identificações mais *universalistas*.<sup>8</sup>

Na quinta parte do livro: *O global, o local e o retorno da etnia*, há um debate sobre o novo interesse pela dimensão local e a articulação entre o global e o local, formando uma verdadeira dialética das identidades: entre as novas identidades globais e as novas identidades locais. Hall defende que a globalização tem um efeito contestatório e movediço das identidades autocentradas e fechadas das culturas nacionais. Essa lógica pluralizante altera as identidades fixas, tornando-as menos rígidas, mais plurais e políticas. Para o autor a homogeneização das identidades culturais originariam três problemas oriundos dessa dialética,

1)A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compreensão espaço-tempo. 2) A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria do poder”. 3) A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda a parte, sendo relativizadas pelo impacto da compreensão espaço-tempo.<sup>9</sup>

Assim, as nações estariam gravitando em torno da conservação das tradições e das “raízes” culturais nacionais, ou modificar e traduzir sua realidade em nome da modernização tecnológica e econômica e da modernidade científica. Está tensão afeta diretamente as recentes e as antigas formas de identidade cultural. É nesse movimento/deslocamento que emerge a noção de culturas híbridas (no entre-lugar da relação tradição/tradução) como um dos diversos tipos de identidades destes tempos de modernidade tardia.

Na sexta e última parte do livro: *Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo*, Stuart Hall aborda dois movimentos que se fecham frente ao hibridismo e a diversidade global, seriam eles: o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo religioso. De acordo com Stuart Hall,

---

<sup>8</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 44.

<sup>9</sup> Ibid., p. 48.

Numa era em que a integração regional nos campos econômicos e políticos e a dissolução da soberania nacional estão andando muito rapidamente na Europa Ocidental, o colapso dos regimes comunistas na Europa Oriental e o colapso da antiga União Soviética foram seguidos por um forte *revival* do nacionalismo étnico, alimentado por ideias tanto de pureza racial quanto de ortodoxia religiosa. A outra forma importante de *revival* do nacionalismo particularista e do absolutismo étnico e religioso é, obviamente, o fenômeno do “fundamentalismo”. Isso é evidente em toda parte, embora seu exemplo mais impressionante deva ser encontrado em alguns Estados islâmicos do Oriente Médio. Começando com a Revolução Iraniana, têm surgido, em muitas sociedades até então seculares, movimentos islâmicos fundamentalistas, que buscam criar Estados religiosos nos quais os princípios políticos de organização estejam alinhados com as doutrinas religiosas e com as leis do Corão.<sup>10</sup>

Stuart Hall aponta para a dimensão cultural paradoxal que a o processo de globalização produz contemporaneamente. Para o autor,

Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Entretanto, isto também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do mesmo.<sup>11</sup>

A obra aqui resenhada teve por objetivo central argumentar sobre o atual deslocamento produzido pela globalização nas identidades culturais na modernidade tardia. Neste sentido, a noção de "descentramento do sujeito" ganha relevância, pois diante destes intensos fluxos introduzidos nas paisagens culturais, estas se fragmentam e se pluralizam e em conjuminação, o sujeito. Tal debate é de suma importância para os estudos culturais no campo das ciências humanas e da educação, sendo que a noção de híbridos culturais pode colaborar para a abertura na análise dos fenômenos educacionais e sociais mais complexos e plurais que se expressam nos saberes e fazeres dos sujeitos individuais e coletivos, tanto no interior da escola como na sociedade em que estes indivíduos estão submersos. O livro nos leva a rever as formas culturais habitualmente naturalizadas, e também a expandir a capacidade humana de interpretação do mundo pós-moderno. No entanto algumas críticas devem ser feitas ao trabalho, mesmo que

---

<sup>10</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 54.

<sup>11</sup> Ibid., p. 56.

saibamos que a natureza deste trabalho, é mais de divulgação e sua discussão até certo ponto “superficial”, não esgota o pensamento do intelectual Stuart Hall.

Uma primeira crítica a ser tecida ao livro é a não abordagem mais profunda do impacto da migração e da diáspora na constituição das identidades culturais na pós-modernidade global. O próprio Stuart Hall juntamente com outros intelectuais pós-coloniais (o indiano Homi Bhabha, o palestino Edward Said, o antilhano Frantz Fanon) partilhou da experiência existencial diaspórica de saída de sua própria nação jamaicana para habitar o mundo da ex-metrópole inglesa. A experiência pós-colonial origina no ser humano em deslocamento a necessidade de (re)negociar sua própria identidade e de se traduzir à nova cultura do estado-nação. A migração tem um papel fundamental na constituição do pós-colonialismo, surgindo como um modo de pôr em questão as velhas dicotomias que legitimaram a supremacia das metrópoles imperiais frente às antigas colônias. Esta discussão não recebe a devida atenção por parte de Stuart Hall.

Uma segunda crítica, possível de ser tecida, é a unilateralidade do nacionalismo e do fundamentalismo que Stuart Hall imputa aos povos do leste europeu e do oriente médio. O nacionalismo excludente pode ser verificado, todavia no interior da Europa e dos Estados Unidos da América, não sendo exclusividade dos povos indicados pelo autor. Eric Hobsbawm<sup>12</sup> expõe que, por exemplo, os Estados Unidos da América reafirmaram o inglês como língua oficial na década de 1980 em decorrência da migração de povos hispano-americanos, principalmente mexicanos, que tem por idioma oficial o espanhol e o falam em território norte-americano. O nacionalismo não está completamente eliminado do horizonte político do ocidente, já que vemos na contemporaneidade casos tal como o da França, que aprovou uma lei de proibição do uso do véu islâmico integral (burca e niqab) em espaços públicos promulgada em 2010, que é claramente um ataque xenofóbico, etnocêntrico à cultura islâmica e que se reveste do discurso democrático-humanista para ser articulado e posto em prática.

A terceira e última ressalva que postulamos é outra acepção da afirmação de identidades e da etnicidade em sociedades ex-coloniais que tiveram sua existência, culturas e experiências negadas pela colonialidade do poder imposta pelas metrópoles capitalistas no interior do sistema-mundo global em vigência desde a conquista e o início da modernidade/colonial no século XV, como estratégia para articular e difundir a

---

<sup>12</sup> HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

razão decolonial dos povos subalternizados na contemporaneidade. Nesse sentido as reflexões de Walter Mignolo acerca das reivindicações político-culturais interpostas pelas populações subalternizadas no interior do Estado-nação moderno são emblemáticas, na medida em que tal discurso rearticula identidades, narrativas e demandas que até então tinham sido silenciadas e excluídas pela colonialidade do poder/saber/ser moderno/colonial.

Walter Mignolo defende que a *políticas de identidade* se desenvolve de maneira hierárquica, assimétrica e é articulada pelos projetos de assimilação e homogeneidade nacional, sendo construídas com base em essencialismos modernos – nesse ponto as reflexões de Stuart Hall e Walter Mignolo tangenciam-se na medida em que tecem fortes críticas à identidade do sujeito autocentrado do iluminismo e da modernidade – que podem levar à intolerância e aos fundamentalismos que são sempre um grande perigo às minorias oprimidas. Segundo Mignolo tais *políticas de identidade* são atravessadas por condições dicotômico-hierárquicas que subalternizam a população negra, os povos indígenas, as mulheres, os grupos LGBT, os proletários pobres, etc. Assim a concepção de identidade hegemônica difundida é restritiva, levando o autor a desenvolver – como meio de engendrar identidades culturais e experiências, até então vivenciadas na contramão da negação da coetaneidade<sup>13</sup> cultural/temporal entre os povos, do silenciamento do passado<sup>14</sup> histórico das ex-colônias e da colonialidade do poder/saber/ser<sup>15</sup>, sendo essas estratégias epistêmicas colocadas em prática para deslegitimar o direito à alteridade cultural e política das populações não ocidentais e/ou ocidentalizadas ao longo da modernidade – a noção de *identidade em política*. Walter Mignolo coloca em evidência a importância de tal noção quando defende que:

*A identidade em política é relevante não somente porque a política de identidade permeia, como acabei de sugerir, todo o espectro das identidades sociais, mas porque o controle da política de identidade reside, principalmente, na construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como a aparência “natural” do mundo. Ou seja, ser branco, heterossexual e do sexo masculino são as principais características de uma política de identidade que denota identidades tanto similares quanto opostas como essencialistas e fundamentalistas.*

<sup>13</sup> FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro**: como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis, Vozes, 2013, p. 214.

<sup>14</sup> TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past**: power and the production of history. Boston, Mass., Beacon Press, c1995. xix, p. 191.

<sup>15</sup> QUIJANO, Anibal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Revista Perú Indígena**, 13(29): 1992, p. 11-20.

No entanto, a política identitária dominante não se manifesta como tal, mas através de conceitos universais abstratos como ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, Marxismo e assim por diante. Irei argumentar que a identidade **em** política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento), pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista. As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais.<sup>16</sup>

**RECEBIDO EM: 04/12/2017**

**PARECER DADO EM: 18/12/2017**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>16</sup> MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. **Revista Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, 2008, pp. 289 – 290.